

TEORIA DO *DESIGN* INTELIGENTE

THEORY OF INTELLIGENT DESIGN

Everton Fernando Alves¹

Prezado Editor,

Clin Biomed Res. 2015;35(4):250-251

1 Sociedade Brasileira do Design Inteligente (SBDI), Universidade Estadual de Maringá (UEM). Maringá, PR, Brasil.

Autor correspondente:

Everton Fernando Alves
E-mail: evertonando@hotmail.com
Sociedade Brasileira do Design Inteligente
Rua Estocolmo, 10, casa H10
13085-565, Campinas, SP, Brasil.

A teoria do *design* inteligente (TDI) é definida como “uma teoria científica que defende que certas características do universo e dos seres vivos são mais bem explicadas por uma causa inteligente ao invés de processo não direcionado, como a seleção natural”^{1:1}. Também pode ser entendida como o estudo dos padrões na natureza que carregam as marcas de causalidade inteligente. Cada vez mais adeptos têm se unido à comunidade pró-*design*².

É importante pontuar que a TDI não tem como foco principal responder questões sobre a origem da vida e do universo ou sobre a idade da Terra. Por outro lado, os teóricos do *design* entendem que os mecanismos propostos pelo atual paradigma para a explicação da origem e evolução dos seres vivos demonstraram ser inadequados no contexto de justificação teórica. Nesse sentido em particular, o *design* inteligente propõe uma reinterpretação dos dados sobre os eventos que deram origem à vida, uma vez que se coloca como uma alternativa a mecanismos naturalistas, inclusive para a explicação dessas questões. Também é importante esclarecer que a TDI não nega certo grau de evolução referente à adaptabilidade das espécies, como, por exemplo, pequenas modificações (microevolução) que geram variações biológicas limitadas dentro da mesma espécie, e que podem ser observadas tanto na natureza quanto em laboratório.

A TDI é uma teoria científica minimalista sobre sinais de inteligência empiricamente detectados na natureza, propondo que a complexidade irreduzível em sistemas biológicos e a informação complexa especificada (como o DNA) são sinais de inteligência. Para tanto, existem critérios estabelecidos para afirmar se o *design* observado na natureza é intencional (projetado por uma mente inteligente) ou um produto de acaso, necessidades e leis naturais (cristais de flocos de neve, por exemplo)³. Nesse sentido, é essencial ressaltar que a TDI não pretende identificar a fonte de inteligência (seja esta o Deus judaico-cristão, extraterrestres, etc.); portanto, ela é desprovida de qualquer compromisso religioso, e não deve ser confundida com o modelo criacionista.

A ideia da existência de *design* na natureza não é algo recente, tendo sido proposta desde os antigos filósofos gregos (Platão e Aristóteles). Porém, o argumento de *design* se tornou popular por meio da famosa tese de William Paley, publicada em 1802, conhecida como a “tese do relojoeiro”⁴. Já o termo *design* inteligente foi provavelmente introduzido por William Whewell, professor do Trinity College, Cambridge (1794-1866)⁵. Em 1897, Ferdinand Schiller, erudito da Universidade de Oxford, EUA, utilizou o termo *design* inteligente como alternativa ao processo evolutivo cego em um ensaio intitulado “Darwinism and the Design Argument”⁶. Nele, Schiller afirmou: “Não será possível excluir a suposição de que o processo da evolução possa ser guiado por um *design* inteligente.”^{6:141}.

Em 1993, um grupo de cientistas e filósofos norte-americanos se reuniu em uma conferência na cidade de Pajaro Dunes, Califórnia, a fim de questionar a teoria da evolução. Foi então que o *design* inteligente se estabeleceu oficialmente como teoria científica, embora os pressupostos do *design* não

sejam novos. A publicação de artigos revisados por pares e baseados na TDI é relativamente nova, tendo seu início há pouco mais de 30 anos⁷.

No entanto, o movimento literário do *design* efetivamente começou em 1991, por meio do best-seller *Darwin no Banco dos Réus*⁸, do professor de direito Phillip E. Johnson, e popularizou-se em 1996, com a publicação de *A Caixa Preta de Darwin*⁹, do bioquímico Michael Behe. No Brasil, existem dois e-books que têm contribuído para a divulgação da teoria em português: “*Fomos planejados: a maior descoberta científica de todos os tempos*”¹⁰, do Dr. Marcos Nogueira Eberlin, químico e presidente da Sociedade Brasileira de Design Inteligente (SBDI), e *Teoria do Design Inteligente: evidências científicas no campo das ciências biológicas e da saúde*¹¹, de minha autoria.

Após pouco mais de 20 anos em que o *design* inteligente foi estabelecido oficialmente como teoria científica, muitos desafios ainda persistem para que ele seja amplamente disseminado por meio de publicações. Porém, é fato que a publicação

de artigos com opiniões discordantes do consenso evolutivo ainda é o principal desafio. A partir do momento em que um cientista pró-*design* desafia uma crença profundamente defendida, como no caso do naturalismo filosófico, ele enfrenta grande dificuldade em obter financiamento para seus projetos de pesquisa e em publicar seus resultados em anais de congressos ou em periódicos de alto fator de impacto.

Espero que, assim como esta revista para a qual escrevo a presente carta, periódicos científicos tradicionais mantenham a mente aberta para uma análise justa e imparcial de estudos baseados em *design*. Assim, os méritos científicos do *design* dependerão, exclusivamente, de seu conteúdo.

Agradecimentos

O autor agradece ao mestre em História da Ciência Enézio Eugênio de Almeida Filho, presidente emérito da SBDI, e ao jornalista Michelson Borges, editor da Casa Publicadora Brasileira, pelos valiosos ensinamentos e contribuições.

REFERÊNCIAS

- Discovery Institute. What is the theory of intelligent design? [internet]. Seattle. [cited 2015 Dez 23]. Available from: <http://www.discovery.org/id/faqs/#questionsAboutIntelligentDesign>.
- Discovery Institute. A scientific dissent from Darwinism [internet]. Seattle; 2001. [cited 2015 Dez 23]. Available from: <http://www.dissentfromdarwin.org/>.
- Dembski WA. Intelligent design: the bridge between science and theology. Downers Grove: IVP Academic; 2002.
- Paley W. Natural Theology: or, evidences of the existence and attributes of the deity, collected from the appearances of nature. London: J. Faulder; 1802.
- Thorvaldsen S, Øhrstrøm P. Darwin's perplexing paradox: intelligent design in nature. *Perspect Biol Med*. 2013;56(1):78-98
- Schiller FCS, editor. Darwinism and design argument. In: Schiller FCS. Humanism: philosophical essays. Nova York: The Macmillan Co.; 1903. p. 128-156.
- Pollard WG. Rumors of transcendence in physics. *Am J Phys*. 1984;52(10):877-81. <http://dx.doi.org/10.1119/1.13901>.
- Johnson PE. Darwin on trial. Washington, DC: Regnery Gateway; 1991.
- Behe MJ. Darwin's black box: the biochemical challenge to evolution. New York: The Free Press; 1996.
- Eberlin MN. Fomos planejados: a maior descoberta científica de todos os tempos. Campinas: Widbook; 2014.
- Alves EF. Teoria do design inteligente: evidências científicas no campo das ciências biológicas e da saúde. Campinas: Widbook; 2015.

Recebido: Nov 02, 2015
Aceito: Nov 03, 2015